

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes.

Vice-Presidente:

Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen.

Diretor de Cultura e Eventos:

Tenente Coronel Fredolino Antônio David.

Secretário:

Major José Geraldo Rodrigues de Menezes.

Tesoureiro:

Coronel Álvaro Maus.

Bibliotecário:

Major Alexandre Corrêa Dutra.

Conselho Fiscal:

Coronel Edmundo José de Bastos Júnior.

Coronel Ib Silva.

Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski.

**Capa e contracapa (criação): Adriana do Amaral Menezes Souza
(Maia Serviços e Tecnologia Ltda.)**

Supervisão de Edição: Cel Roberto.



Coronel Antônio de Lara Ribas quando capitão. Patrono da Cadeira 1 da Academia de Letras dos Militares Estaduais.

Academia de Letras dos Militares Estaduais.

Fundada em 1º de Outubro de 2012, em cerimônia na Associação Barriga-Verde dos Militares Estaduais, Trindade, Florianópolis. Instalada em 25 de Outubro de 2012, em cerimônia no Auditório Antonieta de Barros da Assembleia Legislativa do Estado.

Apresentamos ao universo literário catarinense nosso primeiro número da Revista de Cultura “O Clarim”, da nossa recém-criada Academia de Letras dos Militares Estaduais. Inicialmente semestral, talvez consigamos abreviar este tempo, na medida em que recursos forem obtidos, seja no âmbito das duas Corporações, seja com a móda renda do nosso sodalício. Mas, no momento, o fundamental é que a publicação se perenize e se afirme pela qualidade.

Para tanto contamos com a generosa colaboração de nossos acadêmicos. Para este ano estamos realizando as tratativas legais para que mais acadêmicos sejam admitidos, mediante concurso, conforme determina o nosso Estatuto, já aprovado por unanimidade pelo Plenário Acadêmico e registrado civilmente no Cartório Faria, de Títulos e Documentos, em Florianópolis.

Confiamos que nossa Academia se firmará no concerto literário catarinense por seus méritos e competência, com publicações técnicas e científicas com base no labor das duas Corporações, no resgate continuado de sua rica história, e na participação dos nossos membros efetivos na Literatura em sua forma geral. Por fim, agradecemos a todos os colegas acadêmicos, e de modo especial aos componentes da Diretoria Executiva, que foram valorosos nas cerimônias de fundação e instalação.

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes - Presidente

Membros efetivos (Acadêmicos)

Cadeira 1

Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Cadeira 2

Coronel Roberto Rodrigues de Menezes
Cadeira 3
Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen
Cadeira 4
Tenente Coronel Fredolino Antônio David
Cadeira 5
Major José Geraldo Rodrigues de Menezes
Cadeira 6
Coronel Álvaro Maus
Cadeira 7
Major Alexandre Corrêa Dutra
Cadeira 8
Coronel Ib Silva
Cadeira 9
Major Edenice da Cruz Fraga
Cadeira 10
Coronel Nazareno Marcineiro
Cadeira 11
Coronel Marcos de Oliveira
Cadeira 12
Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski
Cadeira 13
Coronel Marlon Jorge Teza
Cadeira 15
Tenente Coronel Onir Mocellin
Cadeira 17
Tenente Coronel Altair Francisco Lacowicz
Cadeira 18
Major Jorge Eduardo Tasca
Cadeira 19
Capitão José Ivan Schelavin

PATRONOS:

Cadeira 1 – Coronel Antônio de Lara Ribas
Cadeira 2 – Comendador Feliciano Nunes Pires

Cadeira 3 – Coronel Cantídio Quintino Régis
Cadeira 4 – Tenente Coronel João Elói Mendes
Cadeira 5 – Coronel Pedro Lopes Vieira
Cadeira 6 – Coronel João Cândido Alves Marinho
Cadeira 7 – 2º Tenente Waldemiro Ferraz de Jesus
Cadeira 8 – Major Ildefonso Juvenal da Silva
Cadeira 9 – Coronel Zinaldo José Ghisi
Cadeira 10 – Capitão Osmar Romão da Silva
Cadeira 11 – Coronel Ruy Stockler de Souza
Cadeira 12 – Major Januário de Assis Corte
Cadeira 13 – Coronel Mário Fernandes Guedes
Cadeira 14 – Coronel Theseu Domingos Muniz
Cadeira 15 – Coronel Carlos Hugo de Souza
Cadeira 16 – Coronel Roberto Kell
Cadeira 17 – Major Demerval Cordeiro
Cadeira 18 – Capitão Manoel Gomes
Cadeira 19 – Capitão Euclides de Castro



Comendador Feliciano Nunes Pires, patrono da Cadeira 2 da Academia.

DIÁRIO ACADÊMICO

Às solenidades de fundação (1º-10-12) e instalação (25-10-12) compareceram todos os dezessete acadêmicos fundadores.

Academias e Entidades Lítero-culturais com representantes presentes à cerimônia de Instalação:

Academia Catarinense de Letras,

Governadoria da Academia de Letras do Brasil para Santa Catarina,

Academia de Letras do Brasil, Seccional Florianópolis,

Academia de Letras de Palhoça,

Academia de Letras do Brasil, Seccional Palhoça,

Academia de Letras de Biguaçu,

Academia Desterrense de Letras,

Academia de Letras de Balneário Camboriú,

Academia Catarinense de Letras e Artes,

Academia de Letras de Governador Celso Ramos,

Academia Alcantarense de Letras,

Academia Catarinense Maçônica de Letras,

Academia São José de Letras,

Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses,

Aliflor - Associação Literária Florianopolitana,

Grupo de Poetas Livres, e

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

1ª Assembleia Geral Extraordinária em 19-11-2012 (18:30 horas) na ABVO, Trindade:

Presenças: Cel Edmundo, Cel Álvaro, Ten Cel David, Maj Menezes, Maj Correa Dutra, Maj Edenice, Cel Marlon, Cel Ib, Cel Roberto, Cel Oliveira e Ten Cel Mocellin. (Como neste período houve prontidão nas duas corporações, em razão de diversos atentados a tiros a bases policiais e queima de ônibus em várias cidades do Estado, por bandidos comandados por outros dentro

dos presídios, alguns oficiais da Ativa não puderam comparecer. Outros que moram no interior também não puderam. Mas o número regimental de membros exigidos em primeira chamada era nove. Compareceram onze, sendo possível e legal realizar a Assembleia).

Resoluções: Aprovação do Estatuto, eleição e efetivação da diretoria provisória; possibilidade de sessões solenes no interior do Estado; anualidade de 600,00 para 2013; aprovação de ingresso do Tenente Coronel Marcello Martinez Hipólito e Coronel Giovani de Paula, que participaram das tratativas de criação, mas não tomaram posse e abertura de até três vagas por concurso para 2013.

No dia 07-11-2012 o Major José Geraldo Rodrigues de Menezes representou a Academia numa cerimônia da Academia Catarinense Maçônica de Letras, quando da posse de novos acadêmicos da coirmã.

No dia 22 de novembro de 2012 o Coronel Roberto Rodrigues de Menezes, presidente, assumiu a Cadeira 36 da Academia Desterrense de Letras em cerimônia solene na Assembleia Legislativa (patrono: José Cândido de Lacerda Coutinho, médico, deputado provincial e poeta destrerrense). Representaram a Academia o Tenente Coronel Fredolino Antônio David, que participou da mesa de honra, e a Major Edenice da Cruz Fraga. Registra-se o penhorado agradecimento do presidente aos dois acadêmicos.

Em 27 de novembro de 2012 o Coronel Roberto, Presidente da Academia, recebeu da Academia de Letras de Palhoça no Shopping Via Catarina, medalha de mérito por relevantes serviços prestados à cultura catarinense. Agradece à poetisa Sônia Ripoll Lopes, presidente da ALP, e aos amigos daquela destacada casa de letras, pela gentileza da lembrança.

No dia 08 de dezembro de 2012, sábado, 19 horas, no encerramento do ano acadêmico, a ACPCC (Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses), a ADL (Academia Desterrense de Letras) e a ASAJOL (Academia São José de Letras) promoveram uma confraternização no Hotel Itaguaçu, no final da Avenida Ivo Silveira. Todos os companheiros da nossa Academia dos Militares Estaduais foram convidados para um rodízio de massas.

Compareceram: Cel Roberto e esposa Sílvia, Ten Cel Bornhofen e esposa Thaisa, Major Menezes e esposa Adriana e a Major Edenice com o esposo Iratan. Fomos muito bem recebidos por confrades e confreiras da ADL, Asajol e ACPCC.

Sabemos das dificuldades de comparecimento dos acadêmicos residentes no interior do Estado a todas as reuniões. O Capitão Schelavin, por exemplo, que trabalha e reside em Chapecó, veio de avião às solenidades de fundação e instalação no ano passado. Por isso, as faltas às reuniões administrativas podem ser legitimamente justificadas, além do que enviaremos a todos por e-mail as decisões destas reuniões e ata respectiva. Obviamente, deverá ser respeitado o número mínimo estatutário de comparecimento. Só pedimos um maior empenho de presença às duas sessões solenes anuais nos meses de Maio (aniversário da PMSC) e Outubro (aniversários do CCB e Academia). Isso não impede que realizemos estas e outras sessões solenes, quer seja na capital ou em cidades do interior. Relembreamos também a necessária e importante produção acadêmica, com livros, artigos, publicações diversas, palestras, parcerias, etc. Nas sessões solenes que não envolvam posse de novos acadêmicos, será parte integrante da solenidade o panegírico de um patrono da Academia, elaborado preferencialmente por acadêmico da cidade anfitriã.

01 de fevereiro de 2013: Lançamento do livro ARCANJO, helicóptero do BOA, Batalhão de Operações Aéreas do CCB. Obra de valor do nosso acadêmico Cel Álvaro Maus e do Ten Cel

Edupércio Pratts, Cmt daquela Unidade. Presentes o Cel Cmt G do CCB e acadêmico Marcos de Oliveira, além de outras autoridades civis e militares. O Presidente da Academia representou o Cel Álvaro no lançamento, uma vez que ele já agendara viagem ao exterior com bastante antecedência.

27 de fevereiro de 2013: A Academia recebeu da poetisa Maura Soares, presidente do GPL, Grupo de Poetas Livres, fundado em 1998, a edição semestral da revista VENTOS DO SUL. Excelente publicação, com poemas de qualidade dos sócios, membros correspondentes e amigos, concurso literário e registro das atividades do segundo semestre do ano que passou. Na revista, muitos elogios à fundação e instalação da Academia. Maura, colega do Presidente Cel Roberto na Academia Desterrense de Letras, compareceu e prestigiou. Esperamos que o nosso O CLARIM tenha a mesma qualidade. A Revista vai para arquivo nesta Academia, sob os cuidados do nosso bibliotecário, Major Correa Dutra, estando à disposição dos acadêmicos para leitura.

02 de março de 2013: No auditório do Resort Hotel Águas de Palmas, em Palmas, Governador Celso Ramos, aconteceu às 18 horas sessão que abriu o ano acadêmico da Academia de Letras do Brasil, governadoria de Santa Catarina, dirigida pelo Professor Miguel Simão. Presenças do presidente (com Sílvia) e secretário da nossa Academia (com Adriana). Comemorados os cinquenta anos do município.

04 de março de 2013: Nesta data, na ABVO, Trindade, Florianópolis, às 19:30 horas, reuniram-se em Assembléia Geral Ordinária os membros efetivos da Academia. Presentes os acadêmicos Cel Edmundo, Cel Marlon, Cel Ib, Maj Edenice, Maj Menezes, Maj Correa Dutra, Ten Cel Mocellin, Ten Cel Vitovski, Ten Cel David, Ten Cel Bornhofen, Maj Tasca, Cel Álvaro, Cap Schelavin e Cel Roberto.

Assuntos tratados e definidos:

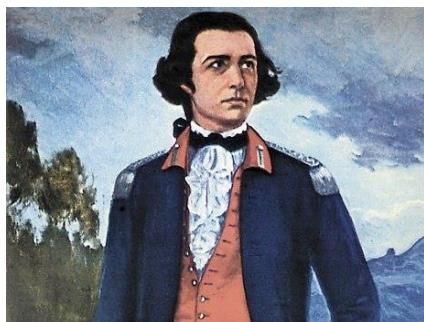
- Sessão Solene acadêmica comemorativa ao aniversário da PMSC dia 10 de maio em Blumenau, 20 horas, na Fundação Cultural do Município. Traje acadêmico, com balandrau e insígnia.
- O primeiro número da revista de Cultura “O Clarim” será lançado no dia 10 de maio em Blumenau.
- Aprovada a Canção da Academia, com letra do Cel Roberto Rodrigues de Menezes.
- Abertura por Edital de duas vagas para as cadeiras 20 e 21 por Concurso. Inscrições em março, Abril e Maio. Análise de admissibilidade em junho, pela Comissão de Admissibilidade composta pelos acadêmicos Coronel Álvaro Maus, Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen e Major José Geraldo Rodrigues de Menezes, com parecer conclusivo para o Presidente, que deliberará com o Plenário Acadêmico. Análise e eleição pelo Plenário em julho. Posse em outubro, no mês do aniversário da Academia. O Edital será colocado nos Portais da PM e CCB.
- Lançamento em outubro da Antologia de Artigos Acadêmicos da Academia de Letras dos Militares Estaduais, volume I, e da Revista de Cultura “O Clarim”, número II.

07 de março de 2013: Lançamento às 20 horas do livro *Epicentro de uma tragédia*, na Fundação Cultural de Blumenau, à Rua XV de Novembro 161, Centro, que trata da catástrofe ocorrida no ano de 2008 na região. Bela obra do nosso Vice-presidente Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen, também Chefe do Estado Maior da 7ª Região Policial Militar com sede em Blumenau. O Presidente da Academia compareceu com a esposa Sílvia Menezes.

05 de abril de 2013: instalação da Academia Catarinense de Letras Jurídicas (Acalej) na sede da OAB em Florianópolis. O presidente, Dr. César Luiz Pasold, confrade do Presidente na Academia Desterrense, convidou a todos os membros da nossa Academia. A revista vai para editoração antes da cerimônia, mas deveremos estar presentes.

10 de maio de 2013: Sessão Solene Acadêmica comemorativa ao aniversário da PMSC, realizada em Blumenau. Panegírico de Patrono da Cadeira 3 (Coronel Cantídio Quintino Régis) a cargo do Vice-presidente, Tenente Coronel Bornhofen, o anfitrião. Oração acadêmica dos 178 anos da Polícia Militar Catarinense a cargo do Acadêmico Major Jorge Eduardo Tasca.

Quando escrevermos a palavra **Cadeira** nos referindo ao título acadêmico, este vocábulo será sempre utilizado, seja no início ou no meio da frase, com o **C** Maiúsculo.



Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, patrono da Academia.

ARTIGOS ACADÊMICOS

1 - Acadêmico Coronel Edmundo José de Bastos Júnior

Major Adelino Marcelino de Souza

Em 1950, ano em que ingressei no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar, eram ainda correntes as chamadas histórias “de praça velho”. Eram narrativas de casos ocorridos em campanha, diligências, exercícios, ou nas várias atividades da caserna, em que se mencionavam atos de bravura - ou seu oposto - acontecimentos inusitados, hilariantes, “peças” pregadas por uns em outros, e por aí vai. Algumas eram verossímeis, outras, produto do “quem conta um conto aumenta um ponto”, ou seja, tinham base possivelmente real, mas acrescidas de circunstâncias que eram evidente produto da imaginação ou de pura invencionice do narrador. Algumas dessas histórias tratavam de assombrações, e eram por vezes aceitas pela crédula simplicidade de alguns dos ouvintes de então. Dizia-se, por exemplo, que, ainda naquele tempo, um oficial antigo, já morto, um certo major Adelino, costumava aparecer em uniforme de gala, com espada e tudo, na frente de milicianos que transitavam em certos locais do quartel.



Naquela época, a iluminação do quartel, como de toda a cidade, era precária. A escuridão predominava por corredores, desvãos e pátios. No estádio “Renato Tavares”, que ocupava o terreno entre os dois quartéis, não havia um único ponto de luz. Como não existiam construções nos dois lados – a Avenida Rio Branco não passava do cruzamento com a Rua Nereu Ramos – em toda aquela área reinava a mais absoluta escuridão. Um

ambiente, já se vê, propício a fantasmagorias. Pois era aí que, segundo os praças velhos, o major Adelino fazia suas aparições.

Com o tempo, a iluminação se fez presente, e não se falou mais em assombrações. Mas quem era, afinal, aquele personagem que, tempos depois de sua morte, daquele modo excitava a ingênua imaginação da soldadesca? O que se vai ler a seguir é um resumo do que pude recolher sobre ele em pesquisas sobre a história da Polícia Militar.

*

Quando assentou praça, como soldado, no então denominado Regimento de Segurança de Santa Catarina, Adelino Marcelino de Souza já havia servido ao Exército por oito anos, oito meses e 24 dias, alcançando o posto de 1º sargento. Por essa razão, no próprio ato de sua inclusão, em 9 de novembro de 1915, foi graduado como 3º sargento. De sua caderneta militar consta apenas o ano do seu nascimento, 1889 (depois retificado para 1897), o nome de seu pai, Estanislau Marcelino de Souza, e sua naturalidade, genericamente indicada como “este estado”, sem especificação do município.

Na ocasião de seu ingresso, a corporação estava envolvida na fase final da campanha do Contestado. A 17 de outubro, um contingente de 25 praças e cerca de cem vaqueanos chefiados por Laurindo (Lau) Fernandes, tudo sob o comando do tenente José Joaquim dos Santos, do Regimento de Segurança, havia atacado e destruído o reduto de Pedras Brancas. No dia 17 de dezembro, o conflito chegaria ao fim com a tomada e arrasamento do reduto do Tamanduá, pelas mesmas forças, agora sob o comando do capitão Euclides de Castro. O efetivo do Regimento, fixado pela Lei nº 1.004, de 15 de outubro do ano anterior era de 302 homens, inclusive 15 oficiais, distribuídos em um Batalhão de Infantaria e um Piquete de Cavalaria. O Comandante Geral era o major Januário Corte, da própria corporação.

Em 4 de fevereiro de 1916, o 3º sargento Adelino passou a trabalhar na casa das ordens e, poucos meses de pois, a 26 de junho, foi promovido a furriel para a 2ª Companhia. À primeira vista, tratava-se de um retrocesso, pois o posto de furriel

correspondia ao atual 3º sargento. Tenha-se em vista, entretanto, que ele era apenas graduado como 2º sargento, condição que lhe assegurava as honras desse posto, mas não a respectiva remuneração, que permanecia a de soldado.¹

Daí em diante, sua ascensão na hierarquia foi rápida: em 29/9/1916, foi promovido a 2º sargento; em 12/1/1917, a 1º sargento; em 30/8/1917, a sargento-ajudante (correspondente ao atual subtenente). Em 19/11/1918, foi graduado 2º tenente, e efetivado neste posto em 13/1/1919.

Nos anos seguintes, alternou funções na caserna com diligências no interior do estado e o exercício do cargo de delegado de polícia em várias localidades, como Mafra, Cruzeiro, seus distritos Aldo Luz e São Bento, Laguna, Xanxerê, Chapecó, Curitibanos e Florianópolis.

Em 1º de abril de 1921, comandava um contingente da Força Pública (assim denominada a partir da Lei nº 1.150, de 17/9/1917), que partiu da capital para juntar-se às forças da corporação que combatiam um bando de cerca de duzentos indivíduos que espalhavam o terror na região do ex-Contestado. Ao final das operações, que duraram cerca de três meses, coube-lhe comandar o pelotão, reforçado por quinze vaqueanos, que desbaratou o último reduto dos bandoleiros, nas margens do Rio Uruguai.²

Em 14 de setembro de 1922, foi promovido a 1º tenente, e a capitão, em 9 de agosto de 1924.

Comandante da 1ª Companhia Isolada, em Porto União, deslocou-se com sua subnunidade, em março de 1925, para Palmas, onde ficou à disposição do Comando das Forças em Operações contra os revolucionários de São Paulo até o término da campanha.

¹ O posto de furriel, assim como os de alferes e tenente, seriam extintos pela Lei nº 1.150, de 17/9/1917 – que reorganizou a corporação de acordo com as normas do acordo de 1916 entre o estado de Santa Catarina e a União – passando os seus ocupantes a denominar-se, respectivamente, terceiro sargento, segundo tenente e primeiro tenente.

² Ver “A Força Pública outra vez em ação no ex-Contestado” in nosso “Polícia Militar de Santa Catarina – História e histórias”, (Fpolis, Garapuvu, p. 76/82).

A 27 de junho do mesmo ano, foi transferido para o 2º Batalhão, que já se encontrava em Florianópolis, depois da histórica participação naquela campanha, sob o comando de seu organizador, capitão – depois major e tenente-coronel – Pedro Lopes Vieira, que a 25 do mês seguinte, assumiria o Comando Geral da Força Pública.

Promovido a major em 9 de janeiro de 1926, foi classificado no comando do mesmo 2º Batalhão de Infantaria. Depois de um pequeno período de diligências e exercício do cargo de delegado de polícia da capital, foi, em 20 de novembro, transferido para o comando do 1º Batalhão, que, no dia seguinte passou à disposição do Ministério da Guerra para integrar as forças que dariam combate à coluna revoltosa de Leonel Rocha, que havia invadido os estados de Santa Catarina e Paraná.³

A campanha contra a coluna rebelde se estenderia pelos dois meses seguintes. A estratégia do caudilho gaúcho, que, com sua tropa, atravessou o território do estado, invadiu o Paraná e retornou a Santa Catarina, sempre atacando de surpresa e retirando-se com rapidez, exigiu a mobilização de boa parte do efetivo da Força Pública, além de forças do Exército e grupos de civis voluntários, chamados “patriotas”.

Finda a campanha, o general Deschamps Cavalcanti, comandante da 5ª Região Militar dirigiu telegrama ao major Adelino, congratulando-se com ele e com sua tropa pela ação que teve no cumprimento do dever. O 1º Batalhão retornou à capital do estado no dia 8 de março, recepcionado festivamente ao desembarcar do navio.

Meses depois, a 1º de outubro, o major Adelino partiu de Florianópolis com destino a Porto União, onde iria assumir o comando de 150 homens das 2ª e 3ª Companhias do 1º Batalhão, que, com o contingente de 47 praças que havia seguido anteriormente para o Norte do estado, constituiriam o destacamento da Força Pública que, juntamente com forças do Exército, atuariam na repressão a outro grupo rebelde que, no

³ Ver “Operações contra a Coluna de Leonel Rocha, ob. cit., p. 116/126.

ínicio de setembro, atacara um trem de passageiros entre as estações de Piedade e Paciência, e, desde então, perturbava a ordem e o sossego na região. O grupo era liderado por outro conhecido caudilho, Fabrício Vieira, que declarava lutar pela autonomia do território do antigo Contestado.

Com o término das operações no estado, o 1º Batalhão foi, a 24 de novembro, desligado do destacamento do qual fazia parte, cujo comandante, coronel do Exército Vieira da Costa, o elogiou pelo desempenho do seu grupamento nas missões que lhe foram confiadas.⁴

Finda a campanha, voltou as suas funções normais. A 28 de setembro de 1928, passou à disposição da secretaria do Interior e Justiça (à qual, na época, se subordinava a chefatura de Polícia). Depois do cumprimento de missão relacionada com a secretaria, em Campo Alegre, foi, em data que não ficou assinalada em seus assentamentos, nomeado para o cargo de delegado de polícia de São Bento, no qual permaneceu até maio do ano seguinte, quando foi nomeado para o mesmo cargo, em São Joaquim da Costa da Serra (São Joaquim), e, depois, em Lages.

Em 18 de outubro de 1930, em pleno curso do movimento revolucionário que irrompera a 3 do mesmo mês, apresentou-se em Florianópolis, e foi mandado reassumir o comando do 1º Batalhão. Pouco havia a fazer, então, e a vitória do movimento se definiu em poucos dias. Na madrugada do dia 25 foi, juntamente com o major Pedro Carneiro da Cunha, diretor do Tesouro, encarregado de parlamentar com o comando da coluna que sitiaria a capital, para acertar dos detalhes relativos à passagem do poder ao seu comandante, general Ptolomeu de Assis Brasil, representante da revolução vitoriosa.

Nas semanas seguintes, uma das várias medidas de retaliação dos vencedores contra os vencidos foi o expurgo no

⁴ A campanha, entretanto, só teria fim em 21 de dezembro, quando Fabrício Vieira e alguns companheiros foram capturados após tiroteio com uma força da polícia paranaense, no município da Lapa. Ver “A Cruzada da Liberdade” de Fabrício Vieira, op. cit. p. 129/138.

quadro de oficiais da Força Pública. Os que haviam participado de ações contra os revolucionários foram sumariamente demitidos; os demais foram submetidos a inspeção de saúde, e, no dia 6 de novembro, reformados compulsoriamente por incapacidade física. O major Adelino estava entre estes últimos.

Não encontrei informações posteriores a sua exclusão da Força Pública, nem mesmo a data do seu falecimento. Mas, do que foi acima relatado, emerge a figura de um oficial digno, sem qualquer falha disciplinar, que, ainda que não tivesse alcançado os mais altos cargos de comando da corporação, desempenhou, com brilhantismo e eficiência, as diversas missões que lhe foram confiadas, tanto no quartel como no exercício de cargos policiais, e, principalmente, no comando de forças em operações de combate.

Mereceria, com certeza, ser lembrado para homenagem muito mais compatível com seus méritos do que ser mencionado como fantasma, o que, de qualquer modo, revela como sua figura ficou marcada no imaginário da corporação.

2 - Acadêmico Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski

O CLARIM

Nas madrugadas mornas de primavera e verão, o canário-da-terra, pássaro originário da América do Sul e muito comum em Santa Catarina, começa a cantar exatamente meia hora antes de raiar o dia. Quem mora no interior, ou tem o privilégio de ter uma árvore em sua casa que possa hospedar este pequeno pássaro, já deve ter observado este detalhe.



Seu trinar estridente, límpido como se saísse da ponta da língua, distingue-se do gorjeio dos outros pássaros, os quais parecem ser acordados por ele.

Então saí do meu aconchego, aqui no interior e fui para um internato de 4 anos como cadete, no quartel do Centro de Ensino da Polícia Militar.

E lá, outro som límpido e cristalino estridulava no decorrer do dia, começando com a alvorada, exatamente às 06,00 horas de cada manhã.

E eu imaginava que o canarinho-da-terra acordava diariamente o corneteiro, para que este o sucedesse com um som muito mais forte, que atingisse a todos os que ainda dormiam ou que labutavam nas atividades diárias.

E o clarim ressoava num choramingo, límpido, cristalino, que acordava sem sobressaltos: era o “Toque da Alvorada”. Para mim lembrava um cântico religioso da minha infância católica: “*Um anjo descendo... num raio de luz. Feliz Bernadete... que à fonte conduz!*”, mas para os colegas menos puritanos, aquele sopro num instrumento sem pistão, cujas 7 notas e seus bemóis e sustenidos são produzidos pela perícia do corneteiro, dizia: “*acorda putada... chegou a alvorada*”.

Rápidos asseávamo-nos, porque 06,50 horas novamente o clarim alertava o “preparar para o rancho”, 07,00 horas “avançar ao rancho” e assim repetia-se nos horários de entrar em forma, revista, troca de turno de serviço, almoço, ordem (final do expediente), revista das 21,00 horas e finalmente, às 22,00 horas, no “toque de silêncio”. Era a voz da instituição, vez por outra com a rotina alterada por um toque de chegada ou saída do comandante, de um superior seu, ou fazendo a voz do próprio comandante, com “reunir” para oficiais ou praças.

Já nos desfiles, era a voz do comandante da tropa, determinando: ordinário marche, alto, cobrir, volver à direita ou à esquerda, marche-marche e tantos outros comandos que executávamos com precisão. E quando todas as forças armadas se posicionavam na avenida para o desfile de 7 de setembro, ouvíamos e distinguíamos os sons produzidos pelos clarins de

todas as armas. Sabíamos cá de trás, pois a Polícia Militar como mais moderna era a última a desfilar, o que fazia a Marinha, lá na frente.

Saindo deste aprendizado para a prática nos quartéis, tudo se repetiu, inclusive para o clarim me anunciar como comandante.

Se considero como o mais belo e harmonioso o toque da alvorada, mais sentimental é o do silêncio, que num quartel chama para dormir, mas no sepultamento de um colega, leva-o para o sono eterno.

E foi aí, exercendo um comando em Criciúma-SC, que tive como encargo o sepultamento de um corneteiro da companhia de polícia de Araranguá, que morrera em serviço. Neste ato, um sargento que tinha sido seu colega como corneteiro e posteriormente fizera o curso de sargento combatente, fez questão de tocar o “silêncio” para o amigo. Foi um dos atos mais dolorosos que eu participei na minha vida ativa: as lágrimas abundavam nos olhos do sargento, rolando por suas bochechas que tremiam e davam ao sopro um som trêmulo e triste. Chorei, como todos os presentes... não há quem não chore...

Enquanto cadete, fui também o editor (redator e faz-tudo) do jornalzinho da academia militar, chamado de “O Clarim”, que eu imprimia com mimeógrafo a álcool ou à tinta. Hoje já não existem mais essas impressoras. Tudo é digital ou a laser. Talvez algum colega mais conservador ainda tenha guardado aqueles exemplares, pois os meus perdi na enchente que destruiu minha casa em 1974, na cidade de Tubarão-SC. Lá está (se ainda existir algum exemplar) o primeiro poema que publiquei.

Bem mais tarde, fui homenageado por um amigo, tenente músico Walfredo Raimundo Pinho, com um dobrado militar (música para desfile) ao qual ele deu o meu nome e, coincidência ou não, é um “dobrado de cornetas” (categoria da música).

Hoje, na Academia de Letras dos Militares Estaduais de SC, optamos por editar um periódico, que por consenso recebeu o nome de “O Clarim”.

E tudo me remete ao passado. Sim, ao passado, porque agora, no recesso da minha aposentadoria, não ouço mais o clarim.

Mas o canarinho aqui está, diariamente meia hora antes do dia raiar.

Ouço-o e acordo. Olho para o lado e vejo minha amada, que dorme serenamente. Na tez, como eu, mostra os traços sulcados pelos anos, mas na serenidade mostra que este mesmo tempo levou com ele as obrigações. Ainda está escuro, posso dormir mais um pouco. Então falo num sussurro: canta canarinho... com o seu sol sustenido, chama o sol que ainda se encontra escondido... chama-o para que entrelace seus raios através das araucárias que me vigiam e clareiem meu rosto. Então accordarei, lembrando a alvorada, serenamente, rememorando o cântico: *"um anjo me tocando... num raio de luz... feliz eu serei... enquanto a vida me conduz"*.



Tenente Coronel Januário de Assis Corte, Patrono da Cadeira 12 da Academia, em foto como capitão

3 - Acadêmico Coronel Roberto Rodrigues de Menezes

Meu Estado

Meu Estado tem campos tão frios,
com suaves e verdes colinas,
ricas serras, planícies, seus rios,
o planalto das nectarinas.



Verde vale de tom europeu,
o oeste celeiro, vapor.
Nas planícies, talvegues, o céu,
mais azul que outros céus do equador.

Junto ao mar as espumas, segredos.
Belas praias onde o sol muito cedo
cresta a face da gente de bem.

No meu sul os meandros das minas,
e com o norte erva-mate combina.
Catarina, tão Santa, meu bem.

A espada e o livro*

O poeta condor, no seu refrão,
reverencia do livro o valor,
quando se irmana à espada em destemor
e esta o chama simplesmente irmão.

*“Não cora o livro de ombrear co’o sabre,
nem cora o sabre de chamá-lo irmão”*,
clama o poeta com forte emoção,
bradando à terra, sem que a chama acabe.

A nobre espada, que prezamos tanto,
será pra sempre irmã do livro amigo,
a encontrar nas páginas abrigo.

Com uma e outra o meu caminho sigo.
Literatura a envolver num manto
a força e a lira, juntas, num só canto.

*Este soneto fez parte da oração acadêmica do presidente, quando da instalação da Academia de Letras dos Militares Estaduais, a 25 de outubro de 2012, na Assembleia Legislativa catarinense.

Memória:



O corneteiro (quem seria esse esquecido soldado da grei?) anuncia a chegada do governador Nereu Ramos ao Quartel do Comando Geral da Força Pública, na rua Visconde de Ouro Preto, centro de Florianópolis. Era a manhã de 5 de maio de 1935, ano do centenário, e comandava a Força o valoroso Coronel Cantídio Quintino Régis, hoje nosso patrono.

4 - Acadêmico Coronel Álvaro Maus



PORQUE ESCREVO

Componho desde adolescente. Meus versos, crônicas e relatos da minha história na minha cidade natal, nunca os publiquei. Divulgado tenho os versos dos hinos dos Bombeiros Comunitários, do 5º Batalhão de Polícia Militar, da Companhia dos Indestrutíveis e da canção do Clube dos Oficiais. Publicado tenho os livros institucionais: Vida de Bombeiro – episódios pitorescos; Segurança Contra Incêndios – teoria geral; Arcanjo – a história do Batalhão de Operações Aéreas do CBMSC. Artigos institucionais outros os tenho publicado em meu site www.incendioconsultoria.com.br.

O advento da Academia de Letras dos Militares Estaduais veio ampliar o estuário onde passo a desaguar as vertentes da minha alma, deixando agora mais exposto nas letras, um pouco de tudo que fui e que sou.

Por que escrevo?

Um diminuto poema meu explica:

"Começo a rabiscar...
é do meu universo,
unir ao verso,
um lenço em laço,
lançar no espaço,
poemas que faço,
pedaços de mim".

5 – Acadêmico Tenente Coronel Altair Francisco Lacowicz



REVOLUÇÃO, EVOLUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DE SANTA CATARINA

Em 1950 quando o Major Demerval Cordeiro, na época Sub Cmt Geral da Polícia Militar, escreveu o Esboço Histórico “Corpo de Bombeiros de Florianópolis”, que acabou publicado em “A PATRULHA” nº 10 de outubro de 1950, em comemoração ao 24º aniversário do Corpo de Bombeiros, certamente não imaginava como seria essa Corporação no futuro.

Sua publicação foi a primeira do gênero que retratou as décadas iniciais do Corpo de Bombeiros de Florianópolis, o esforço de sua criação, as dificuldades iniciais de recursos humanos e materiais, desafios de capacitação e de estruturas mínimas para atendimento dos incêndios que assolavam a capital do Estado.

Sua obra nos permite conhecer as agruras da atividade na época, os desafios, e a relação da corporação com a imprensa. Em destaque informa sobre a sensação de impotência dos homens do fogo pela carência de estrutura, que mesmo com um extenuante e dedicado trabalho provocavam frequentes vãas da comunidade pelo pígio resultado das equipes de bombeiros no enfrentamento dos sinistros, comunidade que desconhecia ou desconsiderava a precariedade e rusticidade de materiais e equipamentos e consequente capacitação dos bombeiros. Descerra uma herança histórica heroica de antepassados que possuíam somente meios rudimentares de locomoção e reação, dependiam quase que exclusivamente de sua força de vontade e determinação para enfrentamento dos desafios de sua missão.

Essa severa realidade dos primeiros anos retratada pelo Major Demerval, perdurou ainda por décadas, provocada sempre pela insuficiência de meios em relação às necessidades da comunidade.

Em setembro de 1981 o então Major Francisco de Assis Vitovski, ao escrever a letra da Canção do Corpo de Bombeiros, marca a época com esse símbolo que é cultivado pela corporação desde então. Essa canção, também marca indelével de uma época, herança institucional conquistada através do mestre Cel Vitovski, sem dúvida representa a forma encontrada pela corporação para alicerçar seu mérito e desafios, que são destaque de uma época diferente, mas que muito se assemelha com os paradigmas contemporâneos.

Com as décadas, o Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina evoluiu, nessa última década de existência obteve sua autonomia financeira e administrativa da Polícia Militar, cresceu e acaba de inaugurar sua centésima organização de bombeiros militar, número esse que desconsidera as duas dezenas de municípios onde é realizada somente atividade de prevenção de incêndios. Essa amplitude de distribuição no terreno, mesmo não perfeita, coloca Santa Catarina no *ranking* nacional como um dos Corpos de Bombeiros Militares melhor alocados no território.

De indispensável registro na evolução histórica da corporação, ação iniciada em 1996 com a implantação da primeira “organização comunitária de bombeiros militar”, que na época teve denominação inicial de “bombeiro misto”. Com a origem do “Corpo de Bombeiros Militar Comunitário”, como atualmente é referenciado, uma revolução foi iniciada na forma de distribuição dos postos de bombeiros no terreno, desconcentrando recursos humanos e materiais, estabelecendo parcerias substanciais com os municípios e comunidade. No modelo, servidores municipais são capacitados e integrados à estrutura profissional, da mesma forma que os voluntários, denominados bombeiros comunitários também capacitados, se integram em reforço aos bombeiros militares na estrutura de emergência das novas organizações comunitárias. Essa fórmula foi tão bem recepcionada que

influenciou todas organizações de bombeiro militar existentes, que se transformaram em comunitárias com o ingresso de bombeiros comunitários e servidores municipais, administrativos e operacionais. Essa interação deve o reconhecimento às ações dos Comandantes Coronel Milton Antonio Lazzaris e Coronel José Luiz Masnik, sem as quais certamente não seriam realidade.

O registro de 1996, antes da ativação da primeira organização comunitária em Ituporanga, era de 24 organizações de bombeiros militares em Santa Catarina. No ano de 2005, esse número de organização de bombeiros havia saltado para 72 cidades com serviços instalados na sede do município. Em 2013, conforme referenciado, foi inaugurada no dia 19 de fevereiro de 2013 a centésima organização no município de Trombudo Central, que atende quatro municípios organizados em consórcio intermunicipal.

Outro número a ser destacado são os mais de 10.000 bombeiros comunitários (verdadeiramente voluntários), pessoas da comunidade capacitadas nesses 16 anos junto à população catarinense.

Certamente o Major Demerval e todos os bombeiros pioneiros dessa Corporação, ficariam orgulhosos de saber que o seu Corpo de Bombeiros Militar, mesmo ainda registrando grandes dificuldades de recursos humanos e materiais, se transformou em uma das mais respeitadas organizações públicas, ovacionadas pelo seu profissionalismo, dedicação, compromisso com a sua comunidade em seu mister de salvar vidas e patrimônio, com atuação comunitária integrada e sempre aplaudida nas suas ações!

(O Ten Cel Lacowicz é Comandante do 9º Batalhão de Bombeiro Militar de Canoinhas).



Major Demerval Cordeiro, patrono da Cadeira 17 da Academia, em foto de 1935 como 1º Tenente.
Brilhante orador.

6 – Acadêmico Tenente Coronel Fredolino Antônio David.



A PRIMAZIA DO LUGAR DE HONRA NAS SOLENIDADES

Para bem administrar uma solenidade ou uma cerimônia oficial é preciso ter conhecimento e noção de alguns fundamentos teóricos de ceremonial e protocolo, em especial as precedências e primazias.

O Mestre Aurélio nos ensina que precedência se origina do latim “*praecedentia*”, e vem a ser a qualidade ou condição de preferência, preeminência ou antecedência em uma ordem determinada; é o conceito ou ordem pelo qual se estabelece a ordem hierárquica de disposição de autoridades, de Estados, de Símbolos Oficiais, de organizações, de todo corpo organizado ou grupo social. Para o ceremonial e protocolo, precedência é estabelecer ordem hierárquica, em especial de autoridades. Primazia também se origina do latim “*primatia*”, de “*primus*” primeiro, ou seja, primeiro plano, primado, dignidade de primaz, superioridade; os dicionários indicam primazia e precedência como sinônimas. Para o ceremonial e protocolo, primazia é a prerrogativa de ocupar legitimamente a cadeira mais importante (cátedra); é o lugar destinado à decisão final da autoridade máxima ou a alguém que detém o mais alto saber e poder, cujas decisões e opiniões são incontestáveis.

A primazia do lugar de honra (centro e a direita deste) e suas consequentes implicações no estabelecimento das precedências é um conceito e ensinamento, tirado da Bíblia e

assimilado pelas autoridades laicas mundo afora. Diversas passagens do Novo Testamento nos mostram claramente que o centro da autoridade é Deus ou o Pai como Jesus o chamava; é o lugar reservado àquele que detém a autoridade máxima, seguido do lugar à direita deste, reservado a Ele (Jesus Cristo). Vejamos o evangelista Marcos narrando a Ascensão de Jesus Cristo,... “*depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi elevado ao céu, e sentou-se à direita de Deus*” (Mc 16,19); Mateus narra assim o juízo final: “*Quando o Filho do Homem vier na sua glória... colocará as ovelhas (os benditos) à sua direita e os cabritos (os malditos) à sua esquerda* (Mt 25, 31-33); São Paulo na sua Carta aos Efésios mostrando como Deus prestigia Jesus no seu Reino: “*Ele manifestou sua força em Cristo, quando o ressuscitou dos mortos e o fez sentar-se à sua direita nos céus...*(Ef 1, 20-21); São Pedro ao dirigir-se aos cristãos dispersos pelo estrangeiro e ameaçados pela perseguição de Nero, mostra-lhes como Jesus foi glorificado diante de Deus depois da ressurreição: “*Ele subiu ao céu e está sentado à direita de Deus, após ter submetido os anjos, as dominações e os poderes* (1Pe 3, 22)”; e voltando aos evangelhos, Mateus e Marcos nos mostram a competição entre os Apóstolos pelo poder, quando dois deles resolvem reivindicar para si os assentos mais importantes no futuro reino de Jesus. Vejamos: “*Tiago e João, filhos de Zebedeu, foram a Jesus e lhe disseram: Mestre, queremos que faças por nós o que vamos te pedir.* Jesus perguntou: *o que vocês querem que eu lhes conceda?* Eles responderam: *quando estiveres na tua glória, deixa-nos sentar um à tua direita outro à tua esquerda* (Mt 20,20-21, Mc 10, 35-37). A primazia do lugar central e o da direita deste, retratada na Bíblia, no decorrer da história foi sendo assimilada pelas autoridades laicas, em especial durante a idade média, por causa da ascendência que os Papas tinham sobre os soberanos cristãos

do ocidente. A legislação brasileira que disciplina o ceremonial público acolheu esta doutrina, como podemos observar na simples leitura do artigo 19, seus incisos e parágrafo único, da Lei nº. 5.700, de 1 de setembro de 1971 e o artigo 31, seus incisos e parágrafo único, do Decreto nº. 70.274, de 9 de março de 1972.

Os dispositivos acima citados têm a mesma redação:

Art. 19 (e 31). A Bandeira Nacional, em todas as apresentações no território nacional, ocupa lugar de honra, compreendido como uma posição:

I – Central ou mais próxima do centro e à direita deste, quando com outras bandeiras, pavilhões ou estandartes, em linha de mastros, panóplias, escudos ou peças semelhantes;

Parágrafo único – Considera-se direita de um dispositivo de bandeiras, a direita de uma pessoa colocada junto a ele e voltada para a rua, para a plateia ou, de modo geral, para o público que observa o dispositivo.

O lugar de honra conceituado para o dispositivo de bandeiras é, por doutrina e analogia, usado pelo ceremonial e protocolo para o posicionamento das autoridades nas solenidades oficiais e protocolares.

(O Acadêmico Ten Cel David é especialista em Cerimonial Público).



Tenente Coronel João Elói Mendes,
patrono da Cadeira 4 da Academia. Foto de
1935 como 1º Tenente.

7 – Acadêmica Major Edenice da Cruz Fraga.

“FELICIANIAR”



Peço licença a ti, culta Língua Portuguesa,
para um novo verbete em teu léxico criar.
Sei que é muita ousadia fazer esta tal proeza,
não sou uma lexicógrafa, escrevo por amar.
É um neologismo que está envolto por beleza,
que externa o amor por um Colégio Militar.

Responde-me, pois, prezada deusa da cultura:
posso juntar letras para a palavra formar?
Ao lê-la, sentirás o amor fluir na leitura,
e ao ouvi-la, com o seu som vais te encantar.
Sou uma poetisa que a criar rimas se aventura,
mas eu nada farei sem que me permitas ousar.

...Do alto dos céus, uma voz então se imposta,
e a flor do Lácio de Bilac põe-se firme a falar:
Minha poetisa, eu te dou o sim como resposta,
concedo-te a permissão, mas é preciso lembrar:
o importante não é estar cada letra justaposta,
o importante é o sentido que ao verbo vais dar.

Grata a ti sou, minha grande deusa erudita,
saibas que o verbo que crio é uma exaltação.
Refere-se a uma escola, que a da vida imita,
pois alterna a firmeza aos dons do coração.
A busca do saber, este templo escolar fita;
porém, seu destino é bem formar o cidadão!

Esta escola fincada em solo catarinense
é o nosso augusto colégio policial militar.
Ele é um celeiro do saber, no chão castrense,

que juntou à segurança a missão de educar.
Buscou-se para ele um nome forte destrerrense,
e Feliciano Nunes Pires passou-se então a chamar.

Escola alta, por seus princípios e valores,
vê em seus mestres, pais, alunos e monitores,
inestimável valor, que não se pode aquilatar.
Rezo em meu silêncio por todos os educadores,
pois muitas vezes são como heróis pelejadores,
que vencem grandes lutas, pelo dom de ensinar.

Nobre Colégio, a ti me curvo em reverência
e agradeço a Deus por tua honrosa existência.
És a mãe que gera cidadãos no ventre escolar.
Por isso, reverenciando a tua nobreza e pujança,
esta grata poetisa, que de pensar não cansa,
inspirou-se e criou o verbo... FELICIANIAR!

A Acadêmica major Edenice da Cruz Fraga é diretora do Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires



Coronel Zinaldo José Ghisi, patrono da Cadeira 9 da Academia. Falecido prematuramente aos 62 anos em 2011. Intelectual brilhante, cujo nome honra nosso sodalício.

Acadêmico Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen

Câmara Cascudo e os mitos brasileiros

Luís da Câmara Cascudo (1898 – 1986) deixou para o povo brasileiro um acervo cultural muito vasto. Nasceu, viveu e morreu em Natal, Rio Grande do Norte. No site do Instituto que leva o seu nome (www.cascudo.org.br) encontramos um total de 234 obras de sua autoria, entre livros, edições traduzidas e opúsculos. Em um especial sobre ele, ouvi que Cascudo tinha um interesse muito grande em registrar o homem brasileiro, fato que talvez ajude a atender a complexidade e o volume de sua obra.

Devido justamente a essa complexidade de sua obra, vou me ater a um assunto específico, os mitos brasileiros. Cascudo percorreu todo o nosso Brasil, viajando por todos os seus rincões, cantos e cantões, como queiram, pesquisando, conversando com as pessoas e anotando tudo o que podia. Depois este material foi convertido em livro. Os livros de Cascudo são recheados de citações de outros autores, algumas fazendo um contraponto, outras corroborando com suas descobertas. Recentemente a editora Global relançou algumas de suas obras. Um apaixonado pelo Brasil e pelos brasileiros, cunhou a famosa frase: O melhor do Brasil é o brasileiro”.

Cascudo tinha grande preocupação com os mitos próprios dos índios e nos relata como eles sofreram modificações e acréscimos, incorporações feitas pelos migrantes, tanto os europeus, como os africanos, basicamente as duas maiores levas que aportaram em Pindorama⁵.

Logo de início, me chamou atenção a descrição feita de Jurupari, como sendo o senhor de culto mais vasto, comum a todas as tribos, filho e embaixador do sol, nascido de mulher sem contato

⁵ Pindorama, nome pelo qual os índios se referiam ao que hoje conhecemos como Brasil; significa terra de palmeiras e podemos dizer que foi nosso primeiro nome.

masculino, tudo isso na concepção ameríndia. Jurupari foi identificado pelos jesuítas como sendo o Diabo.

Outra criação/adaptação dos jesuítas foi Tupã. Pela lógica cristã, faltava identificar um deus, ou Deus, já que o Diabo já estava devidamente qualificado. Tupã, o trovão, era a manifestação da natureza que os índios mais temiam. Alguns relatos indicam que os índios lançavam flechas para o alto, no sentido de apaziguar, ou intimidar Tupã. Não foi difícil para os padres relacionarem Tupã com Deus, criando assim a figura do Deus Tupã.

Pronto, estava criado na cultura indígena a figura de Deus e do Diabo. Após isso, bastava incutir os demais dogmas da fé cristão e a transformação de pagãos em cristãos estaria completa.

O trabalho de Câmara Cascudo não tem como foco a crítica ao trabalho de evangelização dos povos locais. A sua temática é a construção do homem brasileiro, que obrigatoriamente passa pelo processo que envolve a colonização europeia em todos os seus aspectos. E, sabemos que a questão religiosa teve papel importante neste processo de colonização.

Em uma de suas obras, intitulada Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo, literalmente, nos leva a uma viagem por todo o nosso imenso território. Nela, ele nos apresenta, o que eu vejo como um verdadeiro inventário físico da nossa rica e esquecida mitologia.

Rica, por que envolve um emaranhado de figuras que são apresentadas ao europeu por nossos indígenas ao mesmo tempo em que o europeu, que aqui aporta, introduz outra leva de seres fantásticos. Desta forma, o nosso Saci-pererê ganha a companhia do Lobisomem, da Cuca, das Bruxas e muitos outros.

(O vice-presidente pertence também à Academia Blumenauense de Letras e é Chefe do Estado Maior da 7ª Região Policial Militar com sede em Blumenau).



Coronel Cantídio Quintino Régis quando Major. Patrono da Cadeira 3 da Academia.

9 – Acadêmico major José Geraldo Rodrigues de Menezes



DESALENTO

Sob intrépida direção
Segue o meu desalento,
Imprevidente oração
Vida de dor e tormento.

De natureza intangível
Sideral, como o firmamento,
Prostrada a humanidade sensível,
Chama-te só desalento.

Corres a rota imutável
Deixas insondável mistério,
Enigma recôndito, insanável
Augúrio infeliz, deletério.

Viver plenamente, utopia
Jazemos do mal indefesos,
Agônica, vilã nostalgia
Não é teu cantar benfazejo.

O Major Menezes é Assessor na Secretaria de Segurança Pública.

REGISTROS



Coronel Nazareno, Comandante Geral da Polícia Militar; Coronel Roberto, Presidente da Academia e Coronel Oliveira, Comandante Geral do Corpo de Bombeiros Militar.



Acadêmicos quando da instalação da Academia na Assembleia Legislativa a 25 de outubro de 2012. Cap Schelavin, Ten Cel Lacowicz, Maj Menezes, Maj Tasca, Maj Edenice, Maj

Corrêa Dutra, Ten Cel Bornhofen, Cel Marlon, Ten Cel Vitovski, Ten Cel Mocellin, Cel Álvaro, Cel Ib e Cel Edmundo.

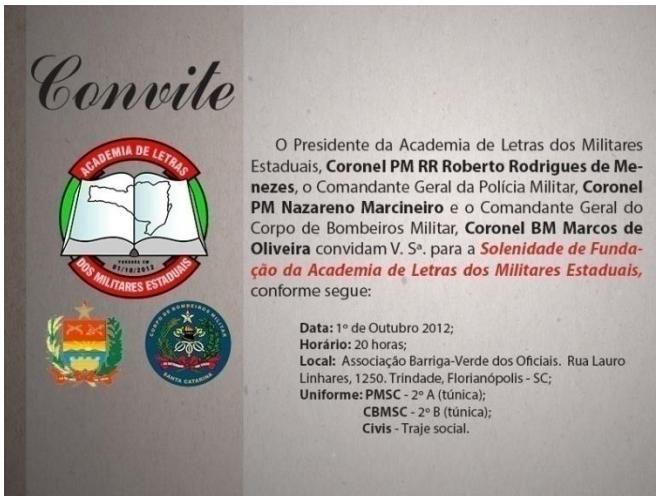


Ten Cel Vitovski, Cel Ib, Ten Cel David, Cel Oliveira, Cel Álvaro e Ten Cel Mocelin.

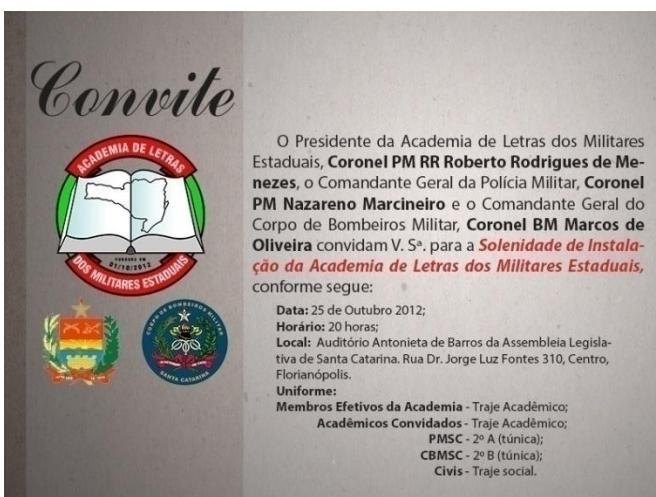


Maj Edenice, Maj Corrêa Dutra, Cel Nazareno, Cel Edmundo, Ten Cel Bornhofen, Cel Roberto, Maj Tasca, Cel Marlon.

O Ten Cel David, Diretor de Cultura e Eventos da Academia, e a Ten Cel Claudete, do Centro de Comunicação Social da PM, fizeram o ceremonial com muita correção, brilhantismo e competência.

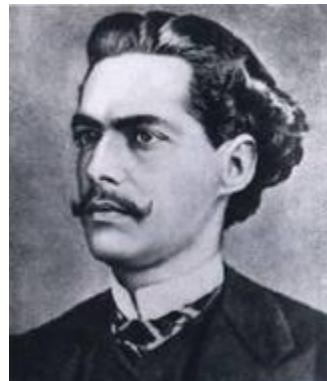


Convites de FUNDAÇÃO E INSTALAÇÃO, elaborados pelo serviço de Comunicação Social do Corpo de Bombeiros Militar.



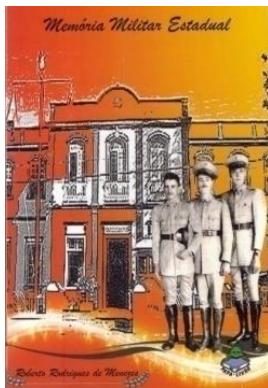
LIVROS

*Por isso na impaciência
desta sede de saber,
como as aves do deserto
as almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
livros... livros à mão cheia...
e manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
é germe — que faz a palma,
é chuva — que faz o mar.*

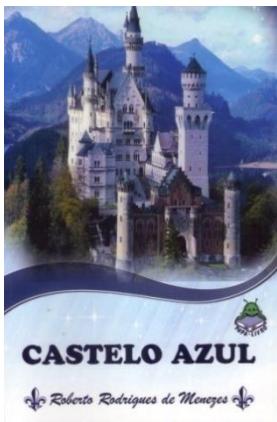


(O Livro e a América – Castro Alves)

LIVROS ACADÊMICOS (A partir da Fundação)



Memória Militar Estadual, do Acadêmico Coronel Roberto Rodrigues de Menezes. Lançamento comemorativo à fundação da Academia em 1º-10-12. Traz na sua primeira parte uma resenha do livro do Centenário da PMSC, de 1935. Em seguida breves relatos biográficos sobre oficiais já falecidos e sobre os oficiais mais antigos das duas Corporações. Ao final, notícia sobre a criação da Academia de Letras dos Militares Estaduais, com seus membros fundadores e patronos. Editora Papa-livro de Florianópolis. Apresentação do acadêmico Coronel Ib Silva, também membro efetivo da Academia Catarinense Maçônica de Letras.



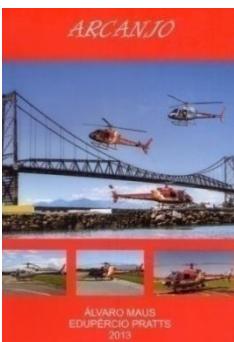
Verde.

Livro comemorativo ao ingresso do autor, Roberto Rodrigues de Menezes, na Academia Desterrense de Letras em 22-11-12. Editora Papa-livro, apresentação da poetisa Vera Regina da Silva de Barcellos, das Academias Desterrense, São José e Biguaçu de Letras. Primeiro tomo da trilogia Castelos de Poemas, em versos clássicos de rimas e métricas. Castelos podem significar sonhos, desejos, perdas, conquistas, o que o leitor imaginar. Previsto para este ano o Castelo Púrpura e futuramente o Castelo

Livro comemorativo aos vinte e cinco anos do 10º Batalhão de Polícia Militar de Blumenau. Obra criativa, original e muito bem escrita pelo vice-presidente da Academia, Tenente coronel Paulo Roberto Bornhofen. Lançada em solenidade no Bela Vista Country Clube de Gaspar, em 28 de novembro de 2012. O encanto do livro é constatar que foi feito com a participação solidária dos bravos integrantes do Batalhão, comandado pelo competente Tenente Coronel Cláudio Roberto Koglin. Documento importante para a posteridade.

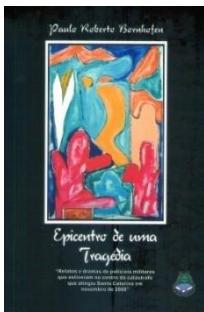


10º BPM - Os primeiros vinte e cinco anos



ARCANJO - O livro relata a origem do Batalhão de Operações Aéreas (BOA) do Corpo de Bombeiros Militar. 114 páginas escritas “sob a inspiração das asas de um sonho”. Escrito pelo

nosso acadêmico coronel Álvaro Maus, ex-comandante-geral do CCB e tesoureiro da Academia, em parceria com o Tenente Coronel BM Edupércio Pratts comandante daquela Unidade. Arcanjo é o nome característico e sugestivo do helicóptero utilizado pelos valorosos homens deste grupamento aéreo, que tantos e significativos serviços prestaram e vêm prestando à comunidade catarinense. Obra de vulto para nossa Academia e indispensável para o CCB. Parabéns aos dois autores.



EPICENTRO de uma tragédia: Relatos e dramas de policiais militares que estiveram no centro da catástrofe que atingiu Santa Catarina em Novembro de 2008. Obra do nosso Vice-presidente Tenente Coronel Paulo Roberto Bornhofen, lançada em 07 de Março deste ano na Fundação Cultural de Blumenau. Editora Papa-livro, com apresentação do Tenente Coronel César Luiz Dalri, na época Comandante do 10º BPM de Blumenau. Nota de capa do Coronel Fred Harry Schauffert, presidente da ACORS.



Tenente Coronel Pedro Lopes Vieira,
Patrono da Cadeira 5 da Academia.

As Academias da Região

- Em 1912, em Florianópolis, nascia a idéia de criação de uma sociedade literária, que em 1920 chamou-se Sociedade Catarinense de Letras. Era o embrião da atual Academia Catarinense de Letras, que passou a se chamar assim em 1924.
- A ACPCC, Associação dos Cronistas, Poetas e Contistas Catarinenses, com sede na Biblioteca Municipal Barreiros Filho, no Estreito, instituição de estilo socrático, simples, que não pede currículo, mas somente boa vontade e estudo da literatura, sem títulos e glórias, nasceu de um sonho de três escritoras: Maria Vilma Campos, Vilma Bayestorff e Osmarina Maria de Souza, sendo fundada em 30 de março de 1995. Na sua simplicidade literária, deu origem às Academias municipais da grande Florianópolis. É hoje presidida pelo poeta Augusto César de Abreu Teodoro.
- Em 24 de Abril de 1996 era fundada a Academia São José de Letras. Teve como primeira presidente a poetisa Zoraída Hostermann Guimarães, sendo hoje seu presidente o escritor e poeta Artemio Zanon. Possui como revista de cultura o Boletim Informativo “O Trinta Réis”, pássaro que também está presente na sua insígnia. O patrono da Academia é o saudoso escritor da ACL Paschoal Apostolo Ptsica.
- A Academia de Letras de Biguaçu foi fundada em 20 de setembro de 1996, sendo sua primeira presidente a escritora Dalvina de Jesus Siqueira. Hoje é seu presidente o escritor Adauto Beckhauser.
- A Academia Desterrense de Letras foi fundada em 28 de maio de 1998, sendo Cruz e Souza seu patrono perpétuo e seu primeiro presidente o jornalista e cronista Vicente Impaléa Neto. Hoje a Academia é dirigida pela poetisa Hiamir Poli Mathias.
- A Academia de Letras de Palhoça foi fundada em 13 de fevereiro de 2003, sob a inspiração de Paschoal Apostolo Ptsica, à época presidente da ACL. Seu primeiro presidente foi João Francisco Vaz Sepetiba e a atual presidente é a poetisa e escritora Sônia Ripoll Lopes.

- A ACLA, Academia Catarinense de Letras e Artes, inspiração também do saudoso escritor Paschoal Apostolo Ptsica, foi fundada em 5 de julho de 2003. Presentes ao ato de fundação na Biblioteca Municipal Barreiros Filho: Maria Vilma Campos, Augusto de Abreu, Doralice Rosa da Silva, Luiz Carpin, Ivan Alves Pereira, Adir Pacheco e Heralda Victor. Sua primeira presidente foi Dagmar Sanchez. A ACLA é hoje presidida pelo escritor Wesley Collyer.

- A Academia Alcantarense de Letras, de São Pedro de Alcântara, foi fundada em 06 de outubro de 2009 e seu atual presidente é o escritor Leno Saraiva Caldas. Sua acadêmica de honra é a escritora Osmarina Maria de Souza.

- Em 13 de Dezembro de 2011 foi instalada a Academia de Letras do Brasil, seccional Florianópolis, sendo seu primeiro presidente o escritor e advogado criminalista Valdir Mendes. A entidade estadual é presidida pelo professor Miguel Simão e nacionalmente pelo escritor Dr. Mário Caravajal. Tem como objetivo a disseminação da cultura nos municípios, todos ligados a uma Governadoria estadual, que por sua vez está ligada à ALB nacional.

- Instalada a 9 de março de 2013 a Academia de Letras do Brasil, seccional Palhoça. Primeiro presidente o escritor José Honório Marques, cabo da Policia Militar, o que nos deixa envaidecidos.



Coronel Mário Fernandes Guedes, patrono da Cadeira 13 da Academia.

Canção do Bombeiro Militar Catarinense

Letra: Tenente Coronel Francisco de Assis Vitovski

Música: Major Músico Osmildo Delvan

Sempre alerta, no dia ou na noite,
sem cansaço, sem medo ou temor,
pra lutar contra o fogo e a morte
ou vidas salvar com vigor.

E do fogo uma chama colhemos,
para nós a fazendo passar,
pois assim é que sempre podemos
nossa luz da razão avivar.

Estríbilo:

Somos nós os bombeiros heroicos,
protetores de imenso valor.

Nossos braços levam a segurança,
nossos peitos, coragem e ardor.

Prevenir é a nossa missão.
Se o incêndio ou perigo irromper,
não tememos sua ira ou ação,
para o alheio poder defender.
Se servir nossa pátria querida
e os seus filhos no afã proteger,
foi o lema abraçado à lida,
jamais vai nosso irmão perecer.